

[Transcript] Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer / Os Livros da Semana: Paul Schrader, teatro de revista, fosforozitos de Robert Walser e o agente Jorge Jardim

Bom, está na altura dos livros, eu trago esta semana um livrinho estranho e surpreendente, quase insignificante, no melhor sentido da palavra, um adjetivo que o autor com certeza não se recusaria a aplicar a muito do que escreveu, é o próprio diz, no último texto deste livro, desejos de ser ignorado. Apesar desse desejo, Robert Valser, escritor suíço, ligo alemã, não caiu no esquecimento, tornou-se até uma espécie de autor de culto. A título de exemplo é um dos habitantes do bairro dos senhores de Gonçalem Tavares, é o Sr. Valser. Este livro chama-se Cinza, Agulha, Lápis e Fósforositos, reúnem um conjunto de textos que fazem-os ao título e que são uma espécie de pequenas vinhetas em que Robert Valser põe a atenção em pequenos objetos inanimados, dâneles, uma vida própria, que podem ser umas luvas, um candeeiro ou até um botão. Um dos textos chama-se Descurso a um botão e é mesmo isso. O propósito deste olhar está explicado logo no texto inicial, onde Robert Valser escreve, creio que não me equivoque muito-se-me-a-riscar-a-acreditar, que apenas basta abrir os olhos e olhar atentamente em redor para ver coisas que são valiosas, se escontemplarmos com alguma intimidade e cuidada. Cinza, Agulha, Lápis e Fósforositos de Robert Valser, edição a Síria e Alvim. O João Miguel Tavares traz a biografia de um capitalista do tempo de outra senhora.

Não é possível reduzi-lo apenas a um adjetivo. Isto faz parte da série Pessoas que já teriam dez séries no Netflix que se tivessem nascido nos Estados Unidos. Porque a vida de George Jardim é uma vida absolutamente extraordinária. Este livro é uma edição, a primeira edição tinha sido em 1996, pela Bertã. Estava escutada agora a Don Quixote, reeditou em boa hora a daltoria de José Ferreira Antunes, e que fez um imenso trabalho, ele entrevistou quase uma centena de pessoas. E este George Jardim foi tudo, tu chamaste-lhe capitalista, é verdade, ele foi estudar de empresas para São Paulo e imô, foi subsecretário de Estado durante o Estado Novo, foi enviado a Salazar e Caetano, foi desestabilizador em Gólimo Sambique, e depois negociador em Plano e o Gópolis de Estado, foi chefe de tropas especiais, é uma personagem incrível e ainda por cima foi pai de 12 filhos. O Pedro Mexia traz reflexão sobre o cinema. É um clássico da crítica de cinema, doensei-se sobre o cinema, é um livro do Paul Schrader chamado Estilo Transcendental no Cinema, ou Zubro Sonheidraia. O Paul Schrader não se nemasta muito conhecido e é talvez com o Peter Bogdan a ouvir-te o mais importante dos críticos que se tornaram sinneastas. É o argumento de taxidraiva. É o argumento de taxidraiva.

E o Schrader foi educado, teve uma educação calvinista muito estreita e decidiu e depois apaixonou-se pelo cinema, que não lhe permitiam ver cinema até a adolescência. E então neste livro, no fundo, tinha 24 anos, é um livro extraordinário para alguém com esta idade, e ele tenta encontrar qualquer coisa de comum nos filmes, o que ele chama transcendentais, o estilo transcendental, é o estilo dos filmes em que querem falar do sagrado, como sabe é um tema difícil de falar sobre, sobre ele, e então ele escolhe estes trexineastas, o Zubro Sonheidraia e a tese dele é que há uma forma de falar do sagrado, que é o estilo transcendental, que é transversal às culturas, é uma forma de representação e não um sistema de crenças, e ele estuda isso e tem um prefácio novo sobre o slow cinema, que não tem muito a ver com o resto, mas enfim, é uma, é um anex muito interessante sobre as tendências do cinema nos últimos 20 e tal, ou 30 anos.

[Transcript] Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer / Os Livros da Semana: Paul Schrader, teatro de revista, fosforozitos de Robert Walser e o agente Jorge Jardim

Semmos do cinema para o Teatro de Revista.

Exatamente, ou Carlos, isto é um volume fascinante. Deve dizer que é um volume, é cada um tem as suas opções.

Grande segredo.

Sim, é um volume fascinante, que se chama Teatro de Revista em Portugal, Revistas Perdidas e outras, 1851, 1868. É um estudo, reparem, é bastante, tanto volumoso, até porque tem, digamos, aqui, várias, várias revistas transcritas antigas que se julgavam perdidas e outras nem perdidas.

Revistas...

Respetáculos de Teatro de Revista.

Teatro de Revista à Portuguesa, Teatro de Revista do ano, seria o seu nome completo, porque é disso que se trata, é de procurar as notícias do ano e comentá-las. É organizado pela Eugénia Vasquez, o que faz uma espécie de estudo inicial que valeria ao livro, só ele, até porque só nas hipógrafas a gente já se diverte muito, porque há pessoas que, digamos, partidários do Teatro de Revista que até se comprassem com, digamos, um certo desbragamento e dizem, é assim mesmo, com Xalaça Grossa e o Collomborg, que são trocadinhos. Mas, por exemplo, temos Fialho da Almeida, que mais à frente, a Eugénia Vasquez diz que quando morreu deixou uma revista escrita, mas que aqui ele diz assim, as revistas do ano tornaram-se em focos coléricos do já derrancado aviltamente moral do nosso povo. E, portanto, são cretinos sem saborões, dos recessos suspeitos das letras, sacodem o rir alcoólico da cor, já na loucura moral dos pobres...

É ingressorismo da outra...

Exatamente, ingressorismo...

E, reparem, ele vai mais longe, ainda lugar para a colaboração a vulsa e porca dos atores, que metem de sua casa mais fezes, e, portanto, tem aqui toda, há várias transcrições de revistas, sempre para alegóricas, uma cena em que a hipocrisia à estupidez e o fanatismo conversam, algumas, a esta distância, aparecem, digamos, ingénuas, mas é muito interessante, mesmo...

Fica ao Teatro de Revista, compilado por Eugénia Vasquez, está concluída mais uma reunião semanal, 2 ou 8 dias à mesma hora, sempre em podcast de qualquer hora, Pedro Mestia, João Miguel Davares e Ricardo Orujo Pereira.

E aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí,
e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí,
e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí,
e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí, e aí,
e aí